

Brasil S/A

por Antonio Machado

machado@cidadebiz.com.br



Just business

“A economia do Brasil está arrasando”, cravou na última quinta-feira o editor de América Latina da Bloomberg, agência de notícias em tempo real influente no mercado financeiro global, Juan Pablo Spinetto. Com um semestre de atraso, a Standard & Poor's, que monitora o risco de títulos de países e empresas, elevou de estável para positiva a nota de crédito do Brasil, desencadeando uma onda de otimismo no mercado.

A rigor, o comunicado da S&P foi evasivo sobre quando poderia elevar para o chamado “bom para investimento” a nota do Brasil. Mas, devido a seus antecedentes, traders do mercado financeiro viram algo mais.

S&P foi a primeira agência internacional de rating a graduar o país com o “grau de investimento”, em 2008, fazendo gorar a articulação do PT para o presidente Lula trocar Henrique Meirelles pelo economista Luiz Gonzaga Belluzzo na direção do Banco Central. E foi a primeira a retirar a certificação — observada pelos investidores institucionais —, em 2015. As notas dessas agências são técnicas, ma non troppo.

Explica o contorcionismo de Spinetto ao validar a mudança súbita de humor: “O Brasil poderia estar no início de um ciclo virtuoso”, ele escreveu. “Há condições internacionais favoráveis, inflação e taxas de juros em retrocesso e um entorno político mais construtivo.”

Tom Jobim certa vez disse que “o Brasil não é para principiantes”, variante da pilhéria do ex- czar da economia dos governos militares e ex-deputado Delfim Netto: “Em Brasília, o mais bobo é suplente”.

Válá que a nota de crédito do Brasil estava estranha, já que não há o risco fiscal repetido pelos ortodoxos, nem o de Lula se inflamar e mandar o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, cuspir dinheiro usando o crédito do Tesouro Nacional. Então, houve o que com a economia?

Houve a aceitação de que não há nada a temer desse governo quanto à segurança do capital e a solvência fiscal, a inflação desinchou, já passa da hora o Banco Central picotar a Selic, e, com risco político em toda parte, a baciada de dinheiro ocioso criado pelo laxismo das economias ricas na pandemia vaga pelo mundo buscando pechinhas antes que o aumento dos juros nos EUA e na Europa estrague a festa. Just business, como diz o sicário do capô Corleone em *O Poderoso Chefeão*.

Fé nos freios e contrapesos

A configuração política do Congresso, associada ao perfil fiscalista de Haddad, que conseguiu o investment grade da agência Fitch para São Paulo quando foi prefeito, agrada aos que defendem as reformas de viés liberal, iniciando no governo Temer e relaxadas com Bolsonaro.

A nota do editor da Bloomberg sintetiza este sentimento. Embora Lula “pareça menos paciente e mais dogmático em seu terceiro mandato que no primeiro, as tendências de esquerda do presidente são temperadas por um Congresso de centro-direita”, escreveu Spinetto. Ele calça seu argumento com declaração do presidente da Câmara, Arthur Lira, a quem chama de “poderoso”: “O Congresso é reformador, liberal, conservador e tem posicionamentos próprios”. É a teoria dos freios e contrapesos.

A leitura do mercado, segundo a nota da Bloomberg, é que Lula terá que se envolver com algum tipo de barganha com o Congresso, o que vai empoderar Lira e seu grupo político, que se estende ao Senado, para além da pressão pela liberação incondicional do dinheiro das emendas e o comando de porções do governo com caixa e visibilidade eleitoral.

O risco de o caixa público se descontrolar, como se desgovernou com a sem-cerimônia de Bolsonaro, seriam mitigados, conforme esse juízo, pelo novo regime fiscal, o tal “arcabouço”, e a crença de que Haddad personificaria o papel de moderação de Antonio Palocci no Lula-1.

É uma aposta razoável. Só que, abstraindo a retórica de Lula, assim já era desde o início do ano. Não fossem a desconfiança dos traders e do BC de Campos Neto e o dólar abaixo de R\$ 5, o flerte da bolsa com os 130 mil pontos e a Selic decente já seriam realidades, ajudando a aliviar a dor dos milhões de endividados, entre pessoas e empresas.

Quem move a roda do mercado

Abipolaridade do chamado “capitalismo de gestores de ativos”, forma avançada da propriedade financeira e empresarial, como a definiu Benjamin Braun, do Max Planck Institute, influencia mais os fluxos financeiros que as questões ideológicas. Só no Brasil o ambiente de polarização política fritou os miolos de muita gente do mercado.

Portentos como BlackRock, que administra mais de US\$ 10 trilhões de clientes em seus fundos e, com os rivais Vanguard e State Street, todos dos EUA, controla, em média, 22% das ações de todas as empresas listadas no índice S&P 500, opera na China sem torcer o nariz. Normal é o governante progressista estender tapete vermelho a tais capitais.

Deles é que flui o grosso do capital que viabiliza as concessões de ativos estatais, as parcerias público-privadas (PPP), privatizações e a maioria das emissões de ações das empresas que operam no Brasil, sejam privadas nacionais, estrangeiras ou do Estado.

Estão para o investimento de longo prazo e, desde que bem modelados, para os programas de pesquisa e desenvolvimento (P&D) e os negócios de risco de novas empresas, vulgo startups, como, no passado, esteve o BNDES para a indústria nascente e a infraestrutura. Hoje, os papéis de cada um são complementares, tal como os incentivos para direcionar os fundos para setores prioritários ainda pouco atrativos no país.

Se o governo Lula tiver essa leitura, o crescimento econômico, posto pela nota da S&P como condição necessária para consolidar o programa fiscal aprovado pela Câmara e tramitando no Senado, poderá acontecer. Se, por outro lado, tomar o ajuste como peça única de uma estratégia de desenvolvimento, a economia continuará estagnada como se encontra há uma década — e no caso da manufatura desde o fim dos anos 1980.

Grau de investimento notável

Quando a questão acima estiver respondida de modo satisfatório, aí se poderá dizer que “a economia do Brasil está arrasando”. Não está, como se viu no dia seguinte à boa-nova da S&P. O IBGE anunciou a retração do setor de serviços em abril, -1,6% sobre março, uma queda maior do que se previa. A retração pegou 26 dos 27 estados, incomum, segundo o IBGE. Na véspera, o dado do varejo também veio frouxo.

A atividade econômica está fraca e mesmo que cresça ao redor de 2% no ano ou algo mais terá sido pelo dinamismo exportador do agro, um setor que representa apenas 7% do PIB, emprega pouco e recolhe menos impostos do que poderia. Sem taxa de investimento acima de 21% do PIB ao longo de mais de uma década e um grande esforço de produtividade, a economia crescerá devagar, 1,5% a 1,7% de média anual, muito pouco para superar a longa tendência de estagnação. O que e como mudar?

Primeiro, compreender que políticas fiscal e monetária são partes e não a política econômica que viabiliza a estratégia que cada país se autoimpõe por meio de seus representantes eleitos.

É a política econômica plena, multipartidária, que movimenta o país e atende seus múltiplos interesses. Sem isso, resta o vazio, como o fundamentalismo do mercado condenara os EUA. O vazio pespega também governos de esquerda que negligenciam o progresso, que não se faz com um amontoado de obras. Faz-se com a dinâmica de cada tempo — hoje, o digital, a inteligência artificial, o carro elétrico, a produção sem carbono, a biomedicina etc. Aí está o grau de investimento notável.

TRABALHO

Pesquisa mostra que 64% das pessoas que retornaram ao regime presencial sentem piora na qualidade de vida. Maioria quer ações para aumentar bem-estar

Volta do home office exige adaptação

» RAPHAEL PATI*

Ônibus lotado, filas de espera, trânsito congestionado e a correria para não se atrasar. Para quem trabalha fora de casa, esse roteiro pode parecer comum e, na maioria dos casos, gera estresse. Nesse cenário, milhões de brasileiros que deixaram o trabalho remoto para retornar ao serviço presencial, se depararam com uma perda na qualidade de vida, em função, principalmente, do deslocamento para o local do emprego.

Uma pesquisa realizada pelo Infojobs, em parceria com o Grupo TopRH, revelou que 64,4% das pessoas que trabalhavam no modelo home-office e tiveram que voltar ao regime presencial, sentem que a qualidade de vida piorou. O estudo ainda mostra que 58,3% se sentem menos produtivos ao fim de um dia de trabalho presencial, enquanto apenas 21,3% se sentem mais produtivos.

De acordo com a maioria dos participantes da pesquisa (73,9%), isso ocorre devido à falta de iniciativas das empresas para adotar soluções que melhorem a gestão e o engajamento dos funcionários na volta ao modelo presencial. Entre aqueles que afirmaram que houve algum tipo de ação nesse sentido, as principais foram: horários flexíveis (23,1%), ações pensando em bem-estar e saúde mental (21,8%) e restauração do escritório (18,4%).

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Trabalho em casa proporciona maior convívio com a família

A partir dos resultados coletados, os pesquisadores concluíram que há poucas iniciativas dentro das empresas para aperfeiçoar o trabalho presencial e minimizar as perdas de qualidade de vida. “Foram criadas poucas iniciativas, mas o foco é, e sempre deve ser, proporcionar maior equilíbrio entre as vidas pessoal e profissional, além de criar ações de engajamento, como treinamentos para o desenvolvimento e interação dos colaboradores”, comenta Ana Paula Prado, CEO do Infojobs.

A rotina mais flexível é uma escolha que pode pesar muito na balança para quem está em dúvida sobre trabalhar de maneira remota

ou presencial. Apesar de gostar do contato e do convívio com outras pessoas que um ambiente de trabalho comum oferece, o engenheiro de software Calebe Reis, de 27 anos, decidiu, em 2018, trabalhar na própria casa. No começo, ele alternava entre o serviço presencial e o doméstico, em modelo híbrido, mas, quando chegou a pandemia de covid-19, com o isolamento social, optou por permanecer inteiramente no home-office.

Outro motivo para o engenheiro decidir permanecer em casa foi o nascimento da primeira filha, que agora tem um ano e dois meses de idade. “O fato de poder estar com minha filha agora é impagável. Poder vê-la

crescer de perto, estar com ela, poder acompanhar seu crescimento, acho que isso, para mim, é o maior ganho”, disse.

A maioria das empresas, porém, avalia que o trabalho presencial proporciona maior integração e coordenação entre equipes, por isso, tem limitado as opções de home office. E a perda de contato com os colegas, porém, pode ser um dos ônus de quem opta pelo trabalho remoto. Filipe Reis, 26, que trabalha atualmente em um banco de pagamentos online, no início, sentiu muita falta do ambiente de trabalho. “Durante os primeiros meses de trabalho remoto eu, particularmente, senti muita falta desse contato e aproximação, que somente o trabalho presencial proporciona. Não foi fácil me afastar de grandes amigos que tinha no trabalho”, revela.

No entanto, ele acredita que o afastamento foi um mal que, depois, veio para o bem. Com o trabalho remoto, Filipe conseguiu ampliar o leque de oportunidades em empresas de diversos lugares do Brasil e do mundo. “Atualmente, não me vejo voltando a trabalhar no modelo 100% presencial. Me adaptei bem ao remoto e tenho visto uma grande evolução na minha carreira com esse formato. Claro que não posso dizer que nada é para sempre, mas, no momento, o remoto é o ideal para mim”, afirmou.

*Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo

CORREIO DEBATE

Reforma em foco

O impacto da reforma tributária na indústria será tema do *Correio Debate*, evento promovido pelo *Correio Braziliense* em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi). Aspectos como emprego, renda e a nova economia do país estão entre as pautas do encontro, marcado para a próxima terça-feira.

Para fomentar a discussão acerca dos tributos aplicados no Brasil e a indústria como motor do crescimento, o evento contará com especialistas e autoridades públicas para abordar a temática de forma detalhada. Entre as presenças confirmadas estão o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, e o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL).

A programação será composta por três painéis. O primeiro painel vai debater “como a reforma tributária pode contribuir para a reindustrialização do Brasil”. Já o segundo vai abordar o “emprego, renda e tributação na indústria”. O terceiro painel vai detalhar “a tributação e a nova economia: desafios e oportunidades no mercado de trabalho”.

“Todos os estudos apontam que a indústria — assim como os demais setores da economia — será beneficiada pela reforma tributária. A expectativa é de que o evento seja uma oportunidade para aprofundar o debate sobre o modelo de reforma proposto e esclarecer dúvidas”, destacou Bernard Appy, secretário extraordinário da Reforma Tributária do Ministério da Fazenda, que fará parte do terceiro painel.

Também participarão o deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), chefe do Grupo de Trabalho sobre Reforma Tributária da Câmara; Andrea Macera, secretária de Competitividade e Política Regulatória do Ministério do Desenvolvimento; José Luiz Oreiro, economista e professor da Universidade de Brasília; e Sérgio Nobre, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

PO NEWS

EDIÇÃO Nº 903 | ANO 48

Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio

18 DE JUNHO DE 2023 | BRASÍLIA/DF



LIDE VIP LOUNGE

ESPAÇO É INAUGURADO NO ROYAL TULIP BRASÍLIA

O Lide - Grupo de Líderes Empresariais inaugurou um Lounge VIP no Royal Tulip Brasília. A área, com vista privilegiada para o Lago Paranoá, servirá para encontros e reuniões dos associados quando estiverem na capital. Eles também terão tarifas especiais na hospedagem. Um almoço especialmente preparado pela equipe do hotel marcou a solenidade, que teve a presença da presidente do Grupo Dória, Celia Pompeia, do presidente do Lide, João Dória Neto, e do presidente do Lide Brasília, Paulo Octávio.

Fundado em 2003, o Lide é uma organização que reúne executivos dos mais variados setores de atuação em busca de fortalecer a livre iniciativa do desenvolvimento econômico e social, assim como a defesa dos princípios éticos de governança nas esferas pública e privada. Presente em cinco continentes e com mais de duas dezenas de frentes de atuação, o grupo conta com unidades regionais e internacionais.

www.paulooctavio.com.br